

**COLEÇÃO CIDADESCRITA  
VOL. I**

# **UNIVERSO URBANO**



**YURI CIDADE**

# **UNIVERSO URBANO**

**Coletânea Cidadescrita**

**Volume I**

**Yuri Cidade**

**Araranguá - Santa Catarina**

**2018**

# SUMÁRIO

# Nota do autor

## I - PARANOIA

Uma vez dividi um cortiço com um pessoal. O bairro era pobre. As ruas fediam e sempre havia uma nova construção irregular, mas aprovada pela prefeitura. O sol castigava no pátio, fazendo aquele grupo de quitinetes ferver mais do que o próprio inferno. Eu tinha o hábito de sentar-me na soleira da porta, fumar meus cigarros, ver as crianças brincarem e trocar ideia com os tiozinhos e demais moradores.

Lembro-me de uma prostituta que habitava ali. Ela era proibida de trazer seus clientes para lá, até porque políticos e banqueiros não frequentariam nosso ambiente. Era uma pessoa maravilhosa. Seu nome era Jaqueline, se não me engano. Até trepamos algumas vezes por esporte, depois de compartilharmos alguns baseados. Mas a maioria dos inquilinos eram casais, os quais não conseguiram juntar muito dinheiro e tentavam criar seus filhos de maneira digna.

Toda sexta era dia de samba ao ar livre no nosso cortiço. Bebíamos e cantávamos até de manhã. Ninguém se importava com nossa cantoria, até porque todo mundo participava. As crianças adoravam ver como os adultos se divertiam. Entre uma gelada e outra, uma olhada, uma cantada, um abraço de sincero ébrio, uma gentileza, um obrigado, o ambiente exalava paz. Tanto que apesar de morarmos em um bairro vizinho à uma boca de fumo, jamais a polícia havia vindo ali.

Porém, na última sexta-feira, a coisa ficou estranha. Jaque, minha vizinha, chegou com um ar perturbado e gritando ao telefone. Passou pela gente, não olhou pros lados e entrou em sua apertada moradia.

Trancou tudo. Até mesmo puxou as cortinas. As luzes piscavam dentro da residência. Mas achamos que era só uma brisa errada de alguma droga que ela tinha consumido na rua.

Jaque era legal mesmo, não me importava se ela era prostituta, aquilo não tirava o brilho que ela tinha nos olhos quando ficava horas trocando ideia comigo sentada na calçada da frente.

Tocamos o samba até as 5 da manhã. Eu já estava bêbado demais para abrir minha porta, então resolvi fumar um cigarro no pátio e ver o sol nascer. Neste momento, ouvi algo atrás de mim:

– Psiu! Você! Não olha pra trás! Disfarça e vem até minha janela do banheiro. – Jaqueline me chamava nervosamente, como se estivesse em uma constante paranoia.

– Cê tá muito doida, cara! Pára com isso.

– Cala a boca! Silêncio! Eles vão ouvir. – dizia ela fechando as cortinas

Comecei a ficar desconfiado com aquela atitude, mas queria que ela se acalmasse. Me dirigi até a bendita janela do banheiro e falei:

– Jaque?! Sou eu. Fale comigo. – Cara, cê vai fazer o seguinte. Cê pega um envelope que vou deixar embaixo da sua porta e depositar ele numa árvore que tem ali na praça do bairro. Aquela árvore perto do busto de Tiradentes. Eles não podem descobrir. – Jaque falava com a voz trêmula.

– Jaque, o que cê tomou? Porra! Cê é linda, inteligente, não precisa dessa brisa torta.

– Sério! Amanhã, as 16:45. Árvore do Tiradentes.

– Jaque? Jaque? – não respondeu mais.

Não dei muita bola pela conversa paranoica dela. Achei que era só efeito colateral de alguma droga pesada que ela havia tomado.

Fui pra casa e dormi 10 horas sem parar. Acordei, fiz algo pra comer, fui ao bar comprar cigarros, voltei pro meu “palacete”, e lá estava o maldito envelope no chão, quando abri a porta.

Peguei o mesmo, e fui até a porta da Jaqueline. Bati. Gritei. E nada. Dona Vera, veio até mim e avisou:

– A Jaque não tá, meu filho. Ela disse pra eu te avisar que ela chega só as 20:00 horas, e que você precisar quebrar o galho que ela te pediu, senão ela vai ter sérios problemas. Agora só não me pergunte o que é, porque ela disse que você já sabia.

– Obrigado, Dona Vera. Vou fazer sim. Um favorzinho pequeno. Vou nessa. Tchau, Dona Vera. – virei às costas e sai correndo com o envelope para a praça, na esperança que encontrasse Jaque por lá.

Me dirigi à tal árvore e deixei o envelope. Voltei para casa e prometi a mim mesmo ficar longe de pessoas problemáticas, pois acabaria maluco igual. E era exatamente isso que eu não precisava.

Naquele resto de tarde, eu acabei me encontrando com uma mulher com quem tinha um caso, ali no bairro mesmo. Transamos até o anoitecer e acabamos pegando no sono.

Lá por umas 21:00 horas, escuto uma batida sutil em minha janela.

– Quem tá aí? – perguntei baixinho perto da janela.

– Sou eu. – era Jaque – Vai ali em casa agora. Por enquanto está seguro. – ouvi seus passos na direção de sua quitinete.

Peguei meus chinelos, coloquei uma bermuda e fui até a residência dela. A porta estava entreaberta e fui entrando.

– Jaque?! Mas que porra é essa? – ela estava pregando tábuas numa janela e tinha pintado seu cabelo de preto quase azul. Estava com roupas totalmente diferente das que normalmente usava. – Sério, pára! A gente tem que procurar ajuda pra você. – Você nunca vai entender. Eles estão me observando. Desde o carteiro até os funcionários da metalúrgica. Em todos os lugares. Eles sabem que eu sei. E o que eu sei, pode mudar tudo. Eu sou uma resposta.

– Meu deus! Não viaja. Você tá usando o que? Tem alguém que posso entrar em contato, caso você suma de vez ou sei lá, entre em overdose?

– Não viaja, você! Eu tô bem dizer limpa há mais de 6 meses. Foi lá na clínica que eles me descobriram. Você não entende.

– Tá bom, Jaque. Eu vou acreditar em ti e tentar te ajudar. O que você quer que eu faça?

– Faz o seguinte: pega esse telefone aqui, que é de uma tia minha, diz que é meu amigo e que eu vou ir pra lá passar um tempo no campo. Preciso me esconder. Preciso que eles me percam de vista. – desembrulhou um papel todo amassado, com uns traços, nomes, números e símbolos riscados.

Rasgou um pedaço, no qual continha um nome e um telefone: Tia Lúcia. Peguei o papel e fui embora.

Sentei ao lado da minha amante, fumei um cigarro e fiquei olhando para aquele papel. Intrigado, resolvi ligar.

– Alô? Lúcia?

– Alô! Sim, ela mesma – respondeu a voz de uma senhora.

– Opa! Então, aqui é um amigo da Jaqueline, sua sobrinha.

– Ai! Meu deus! O que ela fez dessa vez? – perguntou apreensiva.

– Ela anda muito estranha... Umas paranoias. Soube que ela já foi internada. Ela queria que eu avisasse a senhora que ela está indo para aí. Acho que por essa semana. Ela tá muito estranha e nervosa. Diz que está sendo perseguida.

– Então, rapaz! Ela tá assim desde que saiu da clínica. Voltou com esses papos estranhos e paranoicos. A mãe dela sumiu quando ela era pequena, então só restou eu da família. Diz para ela vir. Vou ver o que faço com ela aqui. Por favor, tenta acalmar ela.

– Pode deixar. Vou ajudar sim. Entro em contato assim que ela sair daqui. Tá bom?

– Claro! Sem problemas. Muito obrigado, abençoado. Tchau.

– Tchau.

Na manhã seguinte, fui até a casa de Jaqueline. Ela abriu a porta, com um capuz preto e óculos escuros, me puxando pra dentro.

– Você avisou? – perguntou ela nervosamente e tremendo – Eles já sabem que estou fugindo, mas não imaginam pra onde. Eu sou mais esperta. – visivelmente perturbada – Óbvio que eles não podem deixar uma pessoa que sabe tanto por aí, podendo contar pra todo mundo e mudar o rumo de uma população inteira. Eu preciso ir.

– Jaque, por favor se acalma. Falei com sua tia. É só ir. Cê vai quando?

– Amanhã às 6:44 da manhã. Esse horário eles não estão vigiando a rodoviária.

– Ok, Jaque. Eu te levo lá amanhã.

– Obrigado – e fechou a porta me colocando pra fora. Não preguei os olhos aquela noite. A paranoia de Jaqueline parecia ter surtido algum efeito em mim. Eu imaginava que tipo de coisa ela usava para ficar daquele jeito. Ou seria mesmo possível que ela estivesse sóbria? Fumei duas carteiras de cigarro até a hora levá-la.

Cheguei na casa e a porta novamente estava entreaberta. Desta vez Jaqueline não estava.

A casa parecia ter parado no lapso temporal em que se encontrava. Tudo ali estava alinhado como Jaqueline deixara. Até mesmo suas malas estavam no centro da cozinha/sala, porém nenhum sinal dela. Procurei documentos, ou qualquer vestígio que pudesse indicar o que Jaque tinha feito. Mas nada. Encontrei apenas aquele papel com anotações todo rasgado em um canto. Não havia marca de luta ou de invasão. Jaqueline tinha ido embora.

Imaginei de que de tão paranoica, ela tinha ido embora sem nada mesmo. Não estava em seu juízo normal. Fui até a rodoviária, perguntando em todos os pontos se alguém tinha visto a mesma, mas nada. Ninguém viu nada. Na empresa de viação me disseram que não existia nenhum ônibus para aquela cidade naquele horário.

No caminho de volta, liguei para o telefone de sua tia, e a ligação não completava mais: “Esse número não existe.” Quando regresssei ao cortiço, tudo estava normal. As crianças, as pessoas, os cachorros e até o calor. Porém, o apartamento de Jaqueline estava vazio.

Não havia o menor sinal de que alguém tivesse morado naquela quitinete. Perguntei a todos os moradores o que tinha acontecido enquanto fui na rodoviária. Mas a resposta era sempre a mesma: “Aqui nunca morou essa tal de Jaqueline, moço.”

## **II - A QUEDA**

Eram 23:15 horas. A lareira crepitava com pedaços de uma cadeira velha, uma lista telefônica de 2004 e todas as bitucas de cigarro que fumamos. Eu ali, de cueca pensando no próximo poema, na próxima foda, no próximo do próximo do próximo, fazendo do agora, apenas um lapso de tempo pra se pensar no momento seguinte.

Sua silhueta dançava ao sair do banheiro. Sua sombra requebrava no tom do meu desejo. Mais um trago, um copo, um beijo, um maço, um pedaço, um orgasmo. O fato era que nada naquela noite me faria mal. Com exceção do pensamento de que tudo estava sendo bom até demais.

Levantei, toquei de leve sua cintura que se esticava na janela olhando as luzes que o clima natalino trazia.

– Como brilham todas, não é? – me perguntou sem olhar pra trás.

- Brilham tanto quanto nosso bolso consegue pagar. Ela deu de ombros, enquanto andei pela cozinha procurando um saca-rolhas.

Abri a garrafa e bebi no bico. Após, servi mais duas taças e trouxe para minha amante desfrutar do ébrio. Porém, não a encontrei pela casa.

– Vitória?! Vitória?! – nada respondia – Se você está escondida aqui, saiba que quando eu achá-la vou querer que você faça algo especial pra mim, hein?! Quarto, sala, cozinha, tudo vazio. Naquele momento meu peito sentiu um soco e um vácuo ao mesmo tempo. Olhei pro chão e as roupas, inclusive a calcinha de Vitória, continuavam ali. Ela tinha que estar aqui.

O bairro sempre fora barulhento, então aprendi a ignorar o que acontecia na rua. Mas naquela noite pude ouvir a voz de Vitória no meu ouvido dizendo: “Olhe como eu brilho”.

Desesperado fui até a sacada do sobrado. De lá vi apenas um corpo feminino nu atirado ao chão com algumas pessoas em volta.

– Pra estar aqui, devia ser uma vagabunda – gritava uma senhora com uma penca de filhos que arrastava pra igreja.

– E era mesmo! Ela era casada com o Dr Clóvis, dono daquela empresa famosa. Tinha de tudo e veio acabar aqui trepando com alguns desses fracassados. – exclamava o policial que não deixava a população tirar mais fotos do que já haviam tirado.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Acendi um cigarro, com a mão mais trêmula do que nunca. Talvez eu jamais tenha sido apaixonado por ela nesses 3 anos de casos alheios. Mas talvez eu já a amasse muito mais do que compreendia. Naquele momento ela devia estar me odiando, pois não tive a decência de descer e me entregar ao seu luto após nosso último gozo juntos. Eu sou um covarde. Tanto quanto o Clóvis que batia nela por qualquer motivo, até mesmo por broxar. Me revoltei comigo mesmo e comecei a atirar coisas na lareira.

Escritos, folhas, lápis, caneta, tralha qualquer de escritor suburbano. Mas consegui puxar uma folha que havia o perfume de Vitória. Nela apenas se lia:

“Clóvis descobriu tudo. Não sou mulher suficiente para encarar meus filhos e contar-lhes quem é o verdadeiro pai de Antônio. Desculpe meu amor, mas tenho que me apagar da sua vida. Meu brilho hoje se apaga. Com amor, Vitória!”

Em choque. Era como se eu tivesse morrido. Vitória dessa vez não havia vencido. Ela perdeu pra si, pro preconceito e pelos preceitos de julgamentos que condenavam seus desejos.

Vitória jamais poderia virar o jogo, pois o famoso Dr. Clóvis já havia acionado os advogados e detetives. Finalmente ele tinha posto as correntes nela, amarrado e estuprado inúmeras vezes.

A ambulância veio e juntou aquele lindo corpo ensanguentado. O povo seguiu seu rumo hipócrita e a viela se emudeceu. Nem uma palavra ou investigação veio até mim. Vitória nunca esteve viva pra polícia.

Hoje, eu bebo à Vitória, enquanto queimo suas roupas e seu bilhete. Meus confetes de carnaval eram o luto de uma quarta de cinzas em plena sexta feira.

Fazem 7 dias que Vitória morreu e 3 de que ela foi condenada à vadia drogada da classe média. Não há 1 só dia em que eu não caminhe até a janela, olhe para as luzes que tanto brilhavam.

Entendi o que elas diziam: formam as saudades de quem se foi.

### **III - LIGAÇÃO FANTASMA**

Desatento, eu ri do vento como quem ri do próprio azar. As palavras no ar, se dissolveram e deram vida a nuvens inversas. Toda a poesia reescrita no que não se decifra.

As cifras no meu bolso me lembravam de uma canção na qual meu violão nunca aprendeu a tocar. Caminhei, caminhei, caminhei, até me isolar na neutralidade de um banco de bar. Dose após dose, vi que a vida escorrer em cada gota do meu copo. Mas que se foda o óbvio, enchi meu copo do vazio de uma amnésia forçada. A próxima tragada, a próxima rodada e assim sucessivamente.

O relógio já batia 4 da manhã. Minha mente sã já tinha pego seu rumo, enquanto meu demônio, me dava o alívio de um sonho sem lembrar do arrependimento. Como um pão sem fermento, vaguei pelas ruas sem crescer. Sem nem ao menos absorver o torpor que a fuga da lucidez te dá. Meu celular tinha somente o suficiente para uma ligação. Catei-o a mão e me pus a discar o número do mesmo táxi que me leva dos meus porres. A única pessoa que se importaria se eu morresse.

– Tá por onde? – de antemão já respondeu meu chofer.

– To em frente ao bar.

– Ok, em 5 minutos estou aí.

Esses malditos 5 minutos transformaram-se em exatos 39 minutos. Tempo suficiente para vomitar e praguejar a uma senhora que abriu sua janela. Ela surtou ao me ver mijando num poste. Até mesmo me deu tempo de escrever ebriamente um poema, em caneta azul num recibo do banco.

“A sobriedade do ébrio  
Sem ar  
Vagueia meu par  
Nós demais lares  
De números ímpares  
Que permanecem sinceros  
O esmero  
De levantar e começar do zero  
Toda sua infernal rotina  
Pobre é sina  
Não é vida  
Digna de ficar sóbrio  
Meu voto  
É pra que encham meu copo  
Para pelo menos  
Adormecer os membros  
Pernoitar com o sereno  
Me carregar enfermo  
Até o próximo altar  
Se dá vida eu duvidar  
Melhor que seja no meu bar  
Ali sempre hei de encontrar  
Ombros feridos e mentiras pra contar.”

Meu táxi chegou e como um atleta olímpico me atirei no banco de trás e comecei meu monólogo de bêbado:

- Quanto mais se bebe, mais se vê a dificuldade em assimilar a realidade, que o homem tem. É como andar de trem sem ligar pra onde se está indo. Sem nem ao menos se dar ao prazer de curtir a viagem. Escrevo pra não enlouquecer. Quanto mais se lê, mais se vê que o que passa na TV é difícil de conceber. Fazem-me rir do que noticiam. As pessoas não se ligam. Toda e qualquer ligação é a cobrar. A cobrar um favor, um louvor, um lugar no céu, ou até mesmo um maço de papel seda. São fantasmas. São linhas cruzadas sendo assombradas pelo vazio de não ter uma voz acreditando em você do outro lado. Canso da vida. Canso da morte. Canso até mesmo de ter que ser arrastado pelo tempo. As lembranças ficam me remoendo do que eu deveria ter feito. Mas esse é o efeito, a vida não te deixa retroceder. É um telefone sem fio e sem cartão. Criando a doce ilusão de que quem te escuta é um orelhão.

O táxi parou, entreguei o dinheiro de sempre. Ao sair, o taxista simplesmente limitou-se a dizer:

– Esses orelhões são todos fantasmas.

#### **IV - O PORTEIRO**

Meia-noite e trinta e quatro. Tudo continua igual por aqui. Sentado nessa cadeira, vivo mas finjo não ver o que acontece. O mundo é lugar bem estranho, pra dizer a verdade.

Afinal, todos nós vivemos em segredo, pois o que está por fora, aparentemente, é somente um escudo protetor de aceitação e disfarce pros demais princípios morais, sociais, religiosos e todo esse blá blá blá. Meus olhos são como dois buracos vazios, os quais quando encarados, apenas escondem a escuridão de quem passa por aqui.

Olavo, por exemplo, bate ponto três vezes por semana aqui. Me traz uma garrafa de gim, um maço de Camel vermelho e o jornal. Falando assim até parece que eu sou o chefe de alguma mansão, mas não.

Olavo é um “amigo” que retribui certos favores que faço. Olavo se encontra com Valquíria, no mesmo horário em que diz à sua esposa que está na hora das suas reuniões do grupo de apoio aos viciados de alguma coisa que já nem me lembro mais.

Transam, injetam, controlam seu horário até as 2 da manhã, saem e deixam as chaves embaixo do tapete para a faxineira limpar o local.

A mulher de Olavo, Márcia, finge que não vê, talvez. O desgosto e o desespero de ter um casamento

arruinado perante a sociedade, é tão ruim quanto o caso oculto que Márcia tem com sua vizinha Andréia.

Os filhos estudam na mesma escola, os maridos trabalham na mesma empresa, o mesmo cargo alto, donas de casa dedicadas ao casamento e aos filhos, porém só conseguem gozar uma com a outra.

E não só isso, talvez elas só consigam se sentirem vivas e amadas quando ambas marcam a quarta-feira do cinema, na qual põem os filhos pra dormir e vão até o porão, onde há um projetor e uma tela branca.

O filme rola enquanto elas rolam pelo chão em sua transa mais fervorosa.

Mas nada disso é tão incomum quanto Carlos, síndico do condomínio onde moram as duas famílias. Aquele homem é um jogador nato. Conta cartas no poker, pedras no dominó e dinheiro que deve para os agiotas. Toda quinta e sexta, Carlos marca aqui, com mais uns quatro ou cinco viciados, uma mesada de cartas com abuso de cocaína, uísque e alguma prostituta que todos pagam para servi-los nua.

Ele é divorciado duas vezes, tem 6 filhos, mas a última vez que deu as caras na família, foi para se esconder dos tiros que perseguiam seu crânio.

A decadência humana é bem estranha. Porém acho que é uma das únicas formas que alguém encontra de se sentir vivo. O erro é tão extasiante e quanto o acerto.

No fim das contas, acho que tudo é questão de prazer. Assim como Denise.

Ela vem aqui, se entope de LSD e fica olhando pras paredes derreterem, enquanto faz sexo com dois ou três garotos punheteiros que ela acha na rua e lhes propõem uma aventura. Vocês devem achar isso um crime, um absurdo, ou algo do gênero.

Talvez seja mesmo. Porém não sou polícia e tampouco inocente.

Vicente também se envolve com menores. Qualquer adolescente que está afim, homem ou mulher, de 500 pratas para deixar ele tocar ou lamber as partes do corpo que ainda estão em fase de amadurecimento. Os jovens saem contando as notas, enquanto Vicente fica no quarto todo gozado, chorando por mais ou menos uma hora e meia.

Depois, ele limpa os olhos, toma um banho, seca toda a bagunça e volta pros braços de sua amada esposa e seu filho recém-nascido.

Prostitutas, viciados, degenerados, homens e mulheres de família, aparentando pro mundo a moral que todos esperam. Muitos deles ganham prêmios, placas, desejos e até a inveja de algumas pessoas como a vida perfeita.

Às vezes me pergunto: “por que não vou à polícia e acabo com essa zona toda?” Aí olho pra trás e vejo os olhos de Cristina brilhando ao me ver ganhando meu dinheiro e pondo comida na mesa. Sou tão corrupto e grotesco quanto meus “amigos”.

Mas quem sou eu para julgar alguém? Todos têm segredos e prazeres. Nessa bagunça em que se vive, poder se sentir vivo e sobreviver ao mundo real, é tão surreal que torna-se bizarro.

Não me escutem. Ou melhor, me condenem. Tanto faz. Todos temos segredos. De todo esse inferno, onde cada diabo tem seu quarto, continuo apenas sendo o porteiro de um hotel barato no subúrbio brasileiro.

## **V- TODO REGISTRO TRANSCENDE O TEMPO**

2 da manhã e eu ateava fogo na sobriedade. Com o rosto corado pelas doses de gim, me vi cantarolando músicas que nem gosto, encostado no balcão daquele pub.

Entre uma dose ou outra, eu olhava para todas as mulheres que passavam perto. Sempre fui esperto, mas hoje eu estava de fogo. E quando já se atingiu certa idade, a gente começa a ficar preguiçoso para persuadir alguém.

- Amigo? Cê vai querer mais alguma coisa? Hoje tá cheio aqui, e ficar muito tempo encostado no bar começa a congestionar - me perguntou o garçom, de forma educada até.

- Opa! Me vê mais uma cerveja então. Já aproveito e vou ali fora fumar, deixando o local menos congestionado. - respondi também de forma cordial. Ele trouxe a garrafa, eu agradei e saí catando meu maço e isqueiro.

Atravessei o salão, esbarrando em todas as pessoas. Tudo normal como em qualquer lugar: todo mundo se esbarra, mas não se vê.

Fui para área de fumantes. Pude respirar um ar mais gélido do que aquele bafo de gente que subia da pista. Abri dois botões da minha camisa, sentei-me num banco pra fumar em paz.

Acendi, e traguei vagorosamente meu cigarro.

Soltando a lentamente a fumaça. Entre uma baforada e outra, a fumaça cobria os olhos e quando pisquei de agonia, uma mulher linda surgiu por entre a neblina.

- Olá! Cê pode me emprestar o fogo? - sua voz parecia a de uma sereia tentando me seduzir.

Ela média mais que um 1,70 frouxo, tinha uma pele negra daquelas que brilham de tão linda, seios volumosos, cintura fina e um suíngue que só quem carrega a história no corpo, possui.

- Opa, claro! Sem problemas - puxei o isqueiro e acendi seu cigarro.

- Qual seu nome? Nunca te vi por aqui.

- Sofia. E o seu? Estou só de passagem mesmo. Vim fazer algumas visitas. Não sou uma pessoa que se prende a lugares.

Me apresentei e perguntei:

- E você vem de onde? Vai pra onde?

Ela deu uma risada, e respondeu:

- Venho do futuro, e vou pro passado. Ou posso voltar pro presente, antes de seguir o rastro de lapso temporal que me resta. Então, se você pretende me cantar, vamos pular essa parte. Temos pouco tempo pra poder experimentar o gosto um do outro. - nem me deixou responder, pois logo puxou e me beijou ardentemente.

Naquele beijo, minha cabeça rodava sem parar. Aquela mulher parecia conter em sua saliva, uma espécie de alucinógeno que me fazia sentir o corpo todo estremecendo e transcendendo todas as dimensões do prazer. Apertei seu corpo contra o meu e senti suas costas arquejarem de tamanho desejo. O beijo era longo, variando entre momentos mais agressivos e mais lentos, nos quais as mordidas me faziam voltar a realidade, acreditando em tudo que sentia.

Quando o beijo terminou, eu abri os olhos e só vi a fumaça dos meus cigarros voltando a embaçar meu olhar.

Tomei um gole, mais uma tragada e a lembrança nítida de Sofia, a qual faz anos que eu não vejo, voltou pro seu lugar: o passado.

## **VI - CORREDORES**

Vagava eu com folhas de um original na mão. Corrimão, escada, vala, sala, enormes e sinuosas curvas que fazia e nada encontrava.

Nunca acreditava em destino, pois não conseguia nem achar uma sala ou a localização de alguém.

Mas de quem? Quem eu procurava piamente por entre aquelas paredes de concreto? A ansiedade já tinha me comido. Precisava de um cigarro amigo, mas por todos os lados, avisos de “PROIBIDO FUMAR” habitavam as paredes, aumentando ainda mais minha sede.

Praguejava. Suava frio. Andar por andar, corredor por corredor. As pessoas se limitavam a dizer:

– Próximo andar, querido. Já avisei da sua visita.

Tenha um bom dia!

Que porra de dia, pensava eu. Vagando sem nem saber o que procurava, carregando apenas meus originais na mão.

Textos, poemas, poesias, até mesmo ânsias e agonias vomitadas em cartazes de protesto. Eu era um manifesto mudo, vagando por um mundo que se resumia em um prédio sem saídas ou limites. Era somente a cena triste de um escritor pedinte a vagar por entre suas comportas.

Portas, rodas, mesas e cadeiras, tudo ficou vazio. Silêncio. As luzes foram se apagando uma a uma. Corri desesperado mas me encontrava num labirinto de escadas. O sistema de som avisara:

- Estamos fechados. Dirigiam-se a saída.

Só ouvi o clique e todas as portas se fecharam na minha cara. As paredes me espremiavam e meus papéis voaram pela única janela aberta.

Me apeguei a ideia e mergulhei por ela. Despenquei num abismo escuro, somente contrastado com meus papéis se separando e voando um a um por milhares de caixas de arquivo. Eu morria, mas me sentia vivo. E quando tudo se escureceu, floresceram meus olhos. O dia já havia raiado. 9:00 da manhã.

O amanhã já era hoje. Como quem devora um prato frio, me atirei sobre a escrivaninha e escrevi tudo que havia visto naqueles cartazes e papéis. Os anéis, as vigas, as vidas de cada personagem que faziam parte do meu personagem.

Acabei a contagem e sai para comprar cigarros. Na cabeça apenas as salas e corredores por onde deslizei.

Vi a vida como fatos poetizados e arquivados dentro de mim mesmo. A cabeça já não havia mais peso.

Perguntei sorrindo ao caixa do mercadinho:

– Onde tem cigarros?

– Corredor C, senhor.

## **VII - O MÉDICO É O LOUCO**

Em tempos estranhos, consegui um emprego na capital e aluguei um apê num bairrinho não tão agitado. O local não era lá grandes coisas, tampouco a minha vontade de mantê-lo organizado. Papéis, latas, garrafas, bitucas, pontas, putas, minha lucidez, tudo se confundia naquele chão.

O bloco de apartamentos era como se fosse um grande tabuleiro de xadrez, o qual haviam somente peões suicidando-se desorientadamente ao tentar achar o seu lugar.

Se me lembro bem, há uns 5 anos atrás, passamos por uma situação um tanto peculiar, pra não dizer manicomial. Morava lá fazia uns meses, e acabei me amigando de dois camaradas que habitavam o mesmo bloco. Ricardo e Luis.

Bebíamos juntos pelas esquinas, ficávamos trocando ideias malucas sobre existência, pra falar a verdade, ficamos até bem íntimos, já que nenhum de nós possuía parentesco pela região.

Entretanto, em uma quinta-feira, na qual todos estávamos de folga tomando uma na sacada de Ricardo, no terceiro andar, o mesmo pergunta:

- Ei, Luís! O louco voltou essa semana? – indagou Ricardo, abrindo mais uma garrafa.

- Não o vi essa semana ainda. Mas pode ser que apareça. Temos que ficar de olho, lembra do que o Doutor falou? – respondeu e rebateu Luis.

- Sim, Sim, por isso a pergunta. Mas talvez ele tenha melhorado....

Eu, sem entender porra nenhuma do que eles falavam, perguntei:

- Mas de que diabos vocês estão falando?

- Então, tem um louco que vem aqui de vez em quando. Ele acha que mora aqui. Paga até aluguel pro Seu Miguel. – Explicou Ricardo

– Puta que pariu! E vocês dois estão de babá aleatória de um louco? Por que ninguém avisa a família dele, vai na polícia, chama a emergência, algo significativo?

– Não temos coragem. Ninguém aqui no prédio consegue ligar pra família e dar a notícia. E também, temos pena dele, tem uma carreira a zelar. –

respondeu novamente Luis.

– Essa eu quero ver! Me avisem quando esse tal maluco aparecer. – resmunguei desconfiado.

Passaram-se uns 3 ou 4 dias, Ricardo me manda uma mensagem no celular: “ELE VOLTOU!”

Subi os andares como se corresse uma maratona, porém com um pulmão a menos. Suando, cheguei na porta de Ricardo, e lá estava Luís trocando ideia com um cara alto, magro, com os cabelos bem penteados e de certa idade já.

– Ele é o maluco! – Ricardo apontou discretamente pro companheiro de conversa de Luís.

– Chega aí! Vou te apresentar. – e me arrastou até o lado do suposto maluco.

Quando percebeu minha presença, olhou no fundo dos meus olhos como se me sugasse um pedaço de alma e falou:

– Muito prazer, escritor. Meu nome é Bernardo. Eu gelei. Além de louco, era vidente agora.

– Prazer! Mas como que diabos tu sabe minha “profissão”?

– A inquietude com que tu olhas pra tudo ao mesmo tempo, as mãos sempre mexendo algum dedo e, principalmente, como observas a poesia ao teu redor. Emudeci e não consegui responder absolutamente nada.

Aquele maluco me parecia alguém que vai além da normalidade. Além da sanidade. Ele ultrapassava o limite da realidade e te explicava qualquer coisa sobre qualquer coisa.

Ele era sóbrio até demais, pois conseguia acessar memórias de tempos que ele supostamente viveu na faculdade de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro

E muita das coisas faziam um sentido absurdo, porém algo nele entregava seu estado mental diferenciado.

Ele tinha tiques com as mãos, piscava rapidamente, e de vez em quando soltava uma história que não fazia parte da realidade dele.

Ricardo me contou que Bernardo não era o nome do nosso camarada especial. O nome dele era Dr.

Gilberto Macedo, psiquiatra. Era exatamente isso, o maluco era médico.

– Sério, como vocês deixam um médico diagnosticar e tratar um bando de pacientes com problemas psiquiátricos, sendo que o doutor é tão problemático quanto eles? Temos que informar alguém disso!

Alguém responsável. – falei indignado com tal situação absurda.

– Não, cara! Não podemos! Ele está em tratamento. – falou Luis nervosamente

– Tratamento? Tem um médico sabendo disso?

– Sim, mas de uma maneira diferente... – Luis começou a torcer as mãos – O Dr. Gilberto trata do Bernardo.

– Cês tão me zoando? Não é possível!

– É verdade! A gente ligou pro Dr Gilberto pra vir aqui analisar a situação de um morador que estava ficando louco. Abrimos o apartamento onde ele fica quando estava em modo Bernardo. Tentamos jogar algumas falas e histórias do Bernardo, pra ver se ele pegava no ar. Mas ele começou analisar canto a canto do cômodo, e achou umas coisas estranhas pelo apartamento. Rabiscos sem sentido, uma chaleira no banheiro, cálculos numa parede do fundo, essas coisas. Então pediu para ver se tinha como falar com esse morador. Nervosamente, a gente disse que o Ricardo era o louco. Então Ricardo se passa por Bernardo quando o Dr. Gilberto vem consultar. Ele imita direitinho. Todos os trejeitos e falas do Bernardo, pra poder passar a situação certa pro Doutor receitar os remédios corretamente.

– Isso é doentio, Luis! Porra, como vocês dormem fazendo isso?

– Acredita na gente, cara. Não é por mal. Estamos só tentando ajudar um amigo. Por favor, não fala nada. Deixa que a gente resolve essa. Porque agora estamos até o pescoço nisso. Iríamos pegar cadeia se o pessoal descobrisse. Por favor! Não fode a gente. – implorou Luis.

– Luis, tudo bem. Isso não problema meu. Mas a gente vai ter que contar pra ele. Vamos tentar pegar o Dr. Gilberto em um dia sóbrio e falar. Não dá mais. Mas deixo vocês prepararem o terreno antes.

– Ok! Só me dá mais um tempo.

A semana se decorreu com Bernardo anunciando que seus pais viriam no sábado e que ele iria cozinhar o incrível frango xadrez que ele aprendera com um colega chinês, quando fez um intercâmbio pra Colômbia.

Eu já não conseguia mais ver aquilo sem que uma faca atravessasse meu cérebro, ao lembrar do Dr. Gilberto analisando a loucura de si mesmo em um fantoche humano que imitava sua dupla personalidade.

Dias após, Bernardo perguntava se havíamos visto os pais dele saírem. Dizia que tinham passado o final de semana todo com ele, e que comprariam um sítio para passar as férias.

A situação começou afetar todos nós. Eu já nem dormia direito. Me pegava pensando em como seria se fosse eu que estivesse em surto e começasse a viver uma nova vida, uma realidade com acesso a memórias que não podiam ser provadas, mas eram de uma lucidez absurda. O

Doutor, quando estava tomado por Bernardo, citava nomes compostos, datas, lugares, com absoluta precisão. Sem hesitar. Mas aquilo me doía na alma. Eu tinha que contar para o Dr. Gilberto que ele estava com um distúrbio, antes que isso se tornasse algo irreversível.

Na próxima vinda do Dr Gilberto, enquanto ele analisava Ricardo como se fosse o louco, eu deixei-lhe um bilhete com meu número de andar e apartamento, para que ele fosse até lá, pois eu tinha algo importante a lhe dizer.

Mais ou menos após uma hora de consulta teatral, Dr. Gilberto bateu a minha porta. Eu fumava nervosamente, pois estava prestes a acabar com a farsa e teria que assumir as consequências. Dei um gole no uísque pra encarar o maluco e abri a porta.

- Boa tarde! Então, vamos direto ao assunto, o que o senhor tem de tão importante para me contar dessa situação? – entrou o Doutor falando rapidamente – tenho outro paciente as 16:00 horas.

- Senta aí, Doutor. – falei pra ele apontando pra poltrona perto da TV.

Ele sentou-se, puxou um caderninho e uma caneta, e me olhou atento para tomar nota. Eu sentei, acendi outro cigarro e comecei:

- Doutor, o que eu vou lhe falar é difícil. Mas eu não posso mais compactuar com todo esse teatro. O Ricardo não é louco. Ele finge ser louco para que o senhor trate de um outro louco no lugar. Sim, estou parecendo mais maluco ainda de tentar te explicar o contexto dessa zona. Mas o senhor precisa acreditar em mim. E precisa, ainda mais, procurar ajuda, Doutor.

O senhor é quem está louco. O senhor é quem vem aqui em dias aleatórios, se diz ser esse tal Bernardo, que estudou em várias faculdades, principalmente história, conta seus feitos, seus amigos que nunca vimos, até mesmo seus pais que nunca vimos. As afirmações são tão impressionantes que beiram a uma pureza nos fatos que a gente se pega realmente acreditando nas histórias que o senhor, em surto, conta. Porém, quando o senhor sai e volta a normalidade, é como se o senhor esquecesse tudo. Não sei como o senhor consegue acessar memórias diferentes sem misturá-las. Mas doutor, o senhor precisa procurar ajuda. Se o senhor quiser que eu ligue ou informe alguém, só me avisar. – terminei de falar com um embrulho no estômago.

Ele me olhou seriamente, parecia meio incrédulo, mas conformado ao mesmo tempo. Vi uma lágrima cair do seu rosto. Sorriu levemente. Guardou seu caderninho e enfiou a caneta no bolso. Veio até perto de mim, me abraçou e disse:

-Muito Obrigado! – virou às costas, pegou sua maleta e saiu.

Eu não consegui me mexer de onde estava. Passei dias em casa tentando absorver tudo o que se passou, até tomar coragem, e ter como dever, conferir o que tinha acontecido após aquela conversa com Dr. Gilberto. Ele nunca mais tinha dado às caras, nem como médico e nem como louco, tampouco atendeu minhas ligações.

Quanto a Luis e Ricardo, esses tiveram mais sorte do que juízo. Escaparam ilesos, principalmente do tráfico de remédios controlados que eles vinham fazendo com os receituários que roubavam do doutor, quando ele vinha consultar o suposto paciente. Assim, fui até o local onde ficava o antigo consultório psiquiátrico do Dr. Gilberto. Encontrei-o fechado. A placa com seu nome ainda permanecia, mas dessa vez fazia companhia com uma de “Aluga-se”.

Perguntei aos moradores e nos comércios vizinhos, porém todos disseram que não sabiam o que havia acontecido. Simplesmente um dia ele foi até ali, ficou umas 2 horas, saiu com uma caixa e nunca mais abriu o lugar.

Voltei pra casa, ainda perturbado com aquilo tudo, mas de certa forma conformado com o desfecho “triste” que a história tinha tomado, afinal todos estamos sujeitos à loucura. E muitas vezes a humanidade se parece com a situação de Dr. Gilberto/Bernardo: comete insanidades, é absorvida por uma realidade que não é a sua, e quando volta a si, iludidamente, se automedica sem saber da própria loucura.

Dois dias depois, escutei barulhos nas escadas. Logo após silenciar, eu sai no corredor e resolvi subir até o apartamento onde nosso amigo maluco residia. A porta estava entreaberta, mas parecia que tudo tinha sido levado.

Entrei e vi que havia sido feita uma mudança. Levaram até as lâmpadas da habitação. Rodei pelo local, pensei, analisei, lembrei das conversas que o doutor contava quando estava em seu estado mental diferenciado. Até lembro do brilho nos olhos quando ele se vangloriava de suas aventuras. Ele era louco, mas eu tinha inveja de sua insanidade.

Sentei-me no chão, de frente pra sacada, acendi um cigarro, e quando traguei, reparei que havia uma folha de papel cartão no chão. Puxei a mesma, a qual não se tratava de um mero papel. Podia-se ler em letras de forma: “O reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do curso de História, em 18/08/1986, confere o título de bacharel e licenciado a Bernardo Campos...”

**Este livro foi escrito  
e produzido por Yuri Cidade**

# Sobre o autor:

Yuri Cidade, poeta e escritor, nascido em 28 de maio de 1991, na cidade de Sombrio-SC, residente na querida e simpática Araranguá - SC, onde concluiu o ensino médio no Colégio Público Escola de Educação Básica Professora Maria Garcia Pessi. Atualmente cursa Direito na UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) na cidade de Criciúma-SC. Apaixonado por literatura desde cedo, sempre gostou de inventar suas próprias histórias, as quais hoje lhe trazem até aqui. Com um trabalho totalmente independente, expõe seus livrinhos artesanais nos eventos culturais realizados na região, em busca de seu espaço na literatura brasileira.

